

Uma reflexão sobre a direita evangélica e o atentado de 11 de setembro de 2001

A reflection on the evangelical right and the September 11 attacks

Silas Luiz de SOUZA¹

 0000-0003-2057-1081

Resumo

Este texto está inserido no esforço de memória e reflexão sobre o atentado de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos da América. De forma mais específica, demonstra o pensamento dos evangélicos norte-americanos que, animados pelo conceito do destino manifesto, se representam como um luzeiro divino para o mundo e os demais como povos a serem civilizados ou destruídos, uma vez que são agentes diabólicos na terra. Sendo um povo orientado por Deus através da Bíblia, a acusação feita à nação é de ter abandonado os princípios bíblicos e, com isso, enfraquecido o País. Assim, os ataques foram entendidos como punição de Deus aos pecados nacionais por um lado e, por outro, como agressão do inimigo capitaneado pelo próprio Diabo, para impedir o destino nacional de cuidar da democracia e da civilização mundiais. Embora houvesse outras visões, essa teve maior repercussão, tendo sido defendida por grandes nomes da mídia evangélica no País. De modo geral, os evangélicos brasileiros repetiram aqui as mesmas ideias expostas na América do Norte.

Palavras-chave: Direita. Fundamentalismo. Protestantismo. Protestantismo norte-americano.

Abstract

This text is part of the effort to remember and reflect on the September 11 attacks against the United States of America. More specifically, it demonstrates the thinking of American evangelicals who, animated by the concept of manifest destiny, understand themselves as a divine light for the world while representing others as peoples to be civilized or destroyed as diabolical agents on earth. As a people guided by God, the accusation against the nation, made through the Bible, is that of having abandoned biblical principles and, therefore, weakened the country. Thus, the attacks were understood as God's punishment because of national sins and as aggression by an enemy conducted by the Devil himself, which aimed to obstruct the national destiny of taking care of the world's democracy and civilization. Although there were other visions, this one had greater repercussion, being defended by great names of the evangelical media in the country. In general, Brazilian evangelicals repeated the same ideas exposed in North America.

Keywords: Right. Fundamentalism. Protestantism. American Protestantism.

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Curso de História. Rua da Consolação, 930, Consolação, 01302-907, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: <silasluizdesouza@gmail.com>.

Introdução

A imagem dos aviões sobre os prédios no atentado do dia 11 de setembro de 2001 ficou gravada e será reproduzida por muito tempo em livros didáticos e acadêmicos, em reportagens, na *Internet*, enfim, em diversos meios e suportes. Pode ser que se torne uma imagem icônica, como a foto de Nick Ut das crianças, uma delas nua, fugindo de um ataque na guerra do Vietnã. Não é para menos, afinal, essa foi a segunda vez que os Estados Unidos da América foram atacados em seu próprio território por forças externas, depois de *Pearl Harbor*, lembrando que esse porto fica no longínquo estado do Havaí, a mais de 3.000 quilômetros do território nacional.

O ataque às torres gêmeas tem sido interpretado por especialistas, mas também é objeto de discussão a partir do senso comum. Há certo consenso acerca da presença de um componente religioso nesse processo, o qual deve ser considerado, mas não supervalorizado. Se por um lado os ataques vieram de grupos islâmicos beligerantes, atuando em nome da fé, por outro, nos Estados Unidos da América, o atentado provocou um acirramento importante de grupos religiosos que o interpretaram como parte da luta contra a maldade, a impiedade e a falta de fé em Deus, no Deus verdadeiro da leitura bíblica de um tipo de protestantismo.

Um indivíduo, ou grupo, que se sinta agredido reage à agressão de diversas maneiras. Em se tratando de Estados, valem mais as demonstrações de força, por isso, um ataque como esse deveria ser duramente combatido, o que foi feito. Do ponto de vista dos muçulmanos, ou de uma parte considerável deles, os agressores eram os norte-americanos e os ataques teriam sido apenas a reação esperada.

O objetivo deste texto é um olhar sobre o mundo evangélico norte-americano e sobre como se produziu ali um pensamento específico que deu sustentação para as práticas nacionais em relação ao resto do mundo. Para compreender a visão norte-americana sobre esse acontecimento de tão grande impacto, é útil retornar ao conceito do “destino manifesto”. O objetivo secundário é perceber, de forma simplificada, a inserção desse pensamento no Brasil e como uma parcela dos evangélicos tem um ponto de vista semelhante aos americanos em sua vertente política de direita.

O movimento fundamentalista estadunidense fez uma leitura própria sobre o “destino manifesto”, vendo a si próprio como escolhido por Deus para fazer a sua vontade no mundo. Referência nos estudos sobre o protestantismo brasileiro, Antônio Gouvêa Mendonça (Mendonça, 2002, p.139) já afirmou que “[...] não se pode dar definição satisfatória de um vasto movimento teológico como este”. Mais recentemente, Magali do Nascimento Cunha (Cunha, 2020, p. 20) lembra que “O termo ‘fundamentalismo’ não é novo e é carregado de ressignificações de acordo com contextos históricos distintos”; além disso, não é homogêneo, sendo preferível falar em fundamentalismos no plural (Cunha, 2020, p. 21). Magali Cunha (2020, p. 24) discute as transformações dos fundamentalismos, chegando aos movimentos “reformista” e “reconstrucionista”, surgidos em meados do século XX nos Estados Unidos da América, que começaram a se dedicar à transformação da cultura através de escolas, de universidades e de ação política. Francis Schaeffer, por exemplo, criou o *L’Abri*, propondo-se a preparar os jovens cristãos para a guerra cultural presente na sociedade. É esse fundamentalismo que se verá aqui.

O conceito de representação tem sido usado nas Ciências Sociais há algum tempo. Na História Cultural, Roger Chartier se dedicou a trabalhar esse paradigma de compreensão histórica. Para ele, os grupos sociais modelam representações de si mesmos que indicam a sua própria maneira de ser e de estar no mundo. Além disso, modelam representações do outro, de forma a orientar determinadas práticas para identificar e se relacionar com os demais (Chartier, 1990). Esse conceito, tomado de forma ampla, é útil para entender as interpretações e as reações ao golpe sofrido no atentado. O que parece

ter ficado mais claro é a ideia do “eixo do mal”, isto é, uma concepção de que “eles” são os malvados e “nós”, os bons. Nesse caso, há uma representação de si como povo escolhido por Deus e do outro como o inimigo que quer destruí-lo.

A sociedade estadunidense desenvolveu, desde o início da imigração, um conceito de comunidade baseada na Palavra de Deus, de modo que se enxergam como povo de Deus, muitas vezes usando a linguagem bíblica aplicada à nação de Israel nos textos sagrados. É preciso uma luta constante contra tudo que signifique ameaça à nação fundada sobre a Bíblia. Contudo, deve-se questionar, ainda que de forma breve, se esse pensamento do “eixo do mal” está presente na totalidade da sociedade norte-americana. Há outras possibilidades de representar a si e a relação com os outros que diferem da percepção conservadora de parte dos evangélicos.

O destino manifesto

Qualquer estudioso dos diversos ramos das ciências sociais ou humanas conhece a importância do conceito “destino manifesto” na história dos Estados Unidos da América. Primeiro, é necessário destacar a relação com a religião, pois o conceito foi engendrado no ambiente da religiosidade dos colonizadores. A literatura daquela sociedade tem, em uma das suas obras principais, um retrato amargo dessa religiosidade. Trata-se do livro “A Letra Escarlate”, de Nathaniel Hawthorne, publicado exatamente na metade do século XIX, quando o conceito estava se tornando claro e objetivo na sociedade. Foi no contexto da guerra contra o México, naquele período, que apareceu pela primeira vez a expressão “destino manifesto” aplicada ao anseio e ao direito que os colonizadores teriam de ocupar todo o território, do Atlântico ao Pacífico. Para eles, esse direito que acreditavam ter de avançar sobre o território era concedido pelo próprio Deus. O conceito se tornou uma peça importante na mentalidade da nação: a menção aos “pais peregrinos” na origem da sociedade justa, igualitária e temente a Deus passou a ser uma constante, seja nos discursos religiosos ou políticos, não havendo candidato aos cargos majoritários que não lhe faça referência.

Um dos primeiros intelectuais a estudar a importância da característica religiosa na formação da sociedade norte-americana foi o francês Alexis de Tocqueville, no texto clássico “Democracia na América”. O livro foi o resultado de uma viagem oficial que o francês, oriundo da nobreza e saudosos do antigo regime, fez pela América do Norte:

Os emigrantes ou, como eles merecidamente se denominavam, os Peregrinos, pertenciam à seita inglesa cuja austeridade de princípios lhes havia granjeado o nome de puritanos. O puritanismo não era meramente uma doutrina religiosa, mas correspondia, em muitos pontos, às teorias democráticas e republicanas mais absolutas [...] partiram à procura de região rude e não frequentada do mundo, onde pudessem viver de acordo com suas próprias opiniões, e venerar a Deus em liberdade (Tocqueville, 1969, p. 53).

Paul Johnson, historiador católico inglês, escreveu “*A history of the American people*”, texto no qual, falando do passado inglês dos norte-americanos, cita um bispo convertido ao protestantismo, John Aylmer, para o qual “Deus é inglês” (Johnson, 1999, p. 20, tradução nossa). Os puritanos tinham essa visão de forma ainda mais profunda: “Eles vieram para a América primeiramente não para obter lucro ou mesmo a subsistência, embora aceitassem ambos vindos de Deus com gratidão, mas vieram para criar o Seu Reino na terra” (Johnson, 1999, p. 28, tradução nossa).

No século XIX, o avanço missionário protestante levou o metodista norte-americano John Mott a cunhar a expressão “[...] a evangelização do mundo nesta geração”, tornando-se claro que “esta era uma tarefa para a liderança americana (Johnson, 1999, p. 611, tradução nossa), a partir da visão do “destino manifesto”. Esses imigrantes acreditavam que a Inglaterra deixara de ser um local onde Deus agia. Susan-Mary Grant, historiadora inglesa, lembra que os puritanos, ao migrarem, “[...] estavam procurando nada menos do que uma nova Inglaterra melhorada” (Grant, 2014, p. 25). Um pregador imigrante pronunciou um sermão ainda no navio, afirmando: “[...] seremos como uma cidade na colina” (Grant, 2014, p. 76), lembrando o discurso de Jesus no Sermão do Monte, o qual afirmava que a Igreja deve ser como uma cidade num lugar alto, iluminada para servir de luz para os outros povos.

Não foram apenas estrangeiros que, olhando de fora, estudaram essa questão. Sydney Ahlstrom publicou, em 1972, o premiado “*A religious History of the American people*”. Ele cita como, depois de um século de independência, essa noção do papel dos norte-americanos no mundo estava ainda mais consolidada. Fazendo uso das palavras do pastor Josiah Strong, um dos principais líderes do chamado Evangelho Social, o autor demonstra a presença cada vez mais consolidada do “destino manifesto”: “A mim me parece que Deus, com sua infinita sabedoria e habilidade, está treinando aqui a raça anglo-saxã para uma hora certa de chegar o futuro do mundo”; logo depois, completa: “Então, o mundo entrará na nova era da sua história – o fim da competição de raças, para a qual os anglo-saxões estão sendo treinados”. Ele finaliza o parágrafo dizendo que é razoável crer que haverá uma “humanidade anglo-saxonizada” (Ahlstrom, 1972, p. 849). Para Strong, os anglo-saxões estão assentados no que de melhor as grandes civilizações passadas dos hebreus, dos gregos e dos romanos deixaram para a humanidade (Ahlstrom, 1972, p. 850).

Outro autor premiado foi Bernard Bailyn, um divisor de águas na historiografia norte-americana devido às suas pesquisas sobre a independência nacional. Em 1967, publicou “As origens ideológicas da Revolução americana”, traduzido no Brasil em 2003. Modesto Florenzano, professor de História Moderna da Universidade de São Paulo (USP), cita a avaliação sobre esse livro do historiador Lawrence Stone, para quem “[...] a história do pensamento político no Ocidente está sendo reescrita” (Florenzano, 2003, p. i), e menciona o aval das historiadoras Joyce Appely e Pauline Maier e dos historiadores John Pocock e Franco Venturi. O livro alcançou dois dos maiores prêmios nacionais, o “Pulitzer de História” e o “Bancroft”, da Universidade de Colúmbia. Estudando as lutas pela independência, Baylin (2003). demonstra como o uso da panfletagem, atividade conhecida desde a Inglaterra, foi importante na circulação de ideias, no fomento ao debate e na criação de consenso. Textos curtos, fáceis e rápidos de ler permitiam mesmo o debate popular das ideias. Muitos que se dedicaram aos escritos panfletários eram pastores e, então, “[...] continuava no século 18 e nas mentes dos revolucionários a ideia, originalmente trabalhada nos sermões e tratados do período da colonização, que a dominação da América do Norte britânica havia sido um evento designado por Deus” (Bailyn, 2003, p. 49).

Além dos panfletos, outra característica do protestantismo daquela época eram os sermões escritos e, posteriormente, publicados ou arquivados com a documentação das igrejas locais. Isso constitui interessantes fontes historiográficas, das quais Bailyn faz uso abundante, citando, por exemplo, um pastor e ativista pela independência, Ebenezer Baldwin, que deixou registrado naquele período: “A mão de Deus estava agora na América do Norte trazendo uma nova era na história do mundo” (Bailyn, 2003, p. 138).

Foram trazidos apenas alguns exemplos que contribuem para firmar a importância do “destino manifesto” na sociedade norte-americana, concepção que foi uma poderosa mola propulsora para a sociedade norte-americana. O progresso capitalista ampliado para o oeste, através da migração que levava

mercadoria, transporte, linha férrea, entre outras coisas, promoveu aumento da riqueza material. Isso era entendido como manifestação divina, através de seu povo escolhido com um “destino manifesto”.

No século XIX, o conceito esteve intimamente ligado ao avanço missionário. Inspirados nos modelos pietistas, puritanos e avivalistas da fé, somados ao pensamento do destino manifesto, viam-se como o povo de Deus destinado a levar o evangelho ao mundo, de modo que homens e mulheres se lançaram à tarefa de cristianizar os povos. É possível afirmar que os missionários e as missionárias não estavam agindo de má fé, nem pensavam que conduziam um processo civilizacional equivocado. Evangelizar e aculturar significavam basicamente a mesma coisa para eles; assim, preparavam as novas igrejas para enxergar, na grande nação do Norte, a salvação capitalista para os países pouco desenvolvidos.

Esse panorama do desenvolvimento do conceito do destino manifesto é necessário para compreender a visão de mundo da sociedade norte-americana como a norteadora da democracia, da civilização e do progresso. Os estadunidenses viam a si próprios como um luzeiro para o mundo, o que levou homens e mulheres para os campos missionários, imaginando o processo evangelizador como apresentação de uma cultura superior com a qual os povos seriam libertados.

Um aspecto essencial é a passagem desse conceito para a forma como a nação começou a dirigir a sua política externa. O País passou boa parte de sua vida política independentemente, como uma nação que olhava apenas para questões internas. Luz sobre a colina, sim, porém mais testemunhando do que nutrindo interesses políticos e militares espalhados pela terra. O controle sobre o território da América, do Atlântico ao Pacífico, estava inicialmente em pauta, mas, no início do século XX, o escopo foi ampliado para todos os continentes. Henry Kissinger, um dos protagonistas da política externa norte-americana em governos republicanos da segunda metade do século XX, publicou um livro em 2014 analisando a relação da nação com o resto do mundo. Para ele, coube ao presidente Woodrow Wilson, que governou de 1913 a 1921, transformar esse conceito do destino manifesto em uma política internacional. A visão que o povo norte-americano tinha de si como a “cidade sobre a colina” para iluminar e abençoar o mundo todo foi colocada em prática de uma forma que não tinha ocorrido antes:

[...] numa série de discursos visionários, um novo conceito de paz internacional baseado numa combinação de premissas tradicionais americanas e uma nova insistência em empurrá-los rumo a uma implementação global e definitiva. Esse tem sido desde então, com pequenas variações, o programa americano para a ordem mundial (Kissinger, 2015, p. 145).

Houve uma forma específica de se apropriar desse conceito na segunda metade do século XX, determinante tanto para as questões internas dos Estados Unidos da América como para as suas relações externas. Esse período foi chamado de “Era Reagan” pelo historiador norte-americano Sean Wilentz, autor do livro *“The age of Reagan: a history, 1974-2008”* (Wilentz, 2008). Reagan, convicto, fez diversas referências ao fato de a nação ser essa comunidade escolhida por Deus para ser exemplo para o mundo, a “cidade sobre a colina”.

Carlos da Fonseca diz que Ronald Reagan “era particularmente sensível à imagem de uma “[...] ‘cidade brilhante sobre a colina’ (shining city upon a hill), inspirada em Winthrop, que a empregou em diversos discursos ao referir-se ao fascínio que os EUA exerciam sobre o mundo, e à capacidade de o país servir como modelo a ser copiado por todos” (Fonseca, 2007, p. 180). Vanderlei Dorneles (Dorneles, 2018, p. 132) cita o discurso de Ronald Reagan na despedida da Casa Branca, falando mais uma vez sobre isso:

Há poucos dias, olhando pela janela, pensei numa ‘brilhante cidade sobre uma colina’ – a frase de John Winthrop, que descreveu a América que ele imaginava. [...]. Ele foi um dos primeiros peregrinos, um dos primeiros homens livres. [...]. Eu falei da ‘brilhante cidade sobre a colina’

durante toda a minha vida política. [...]. Nós fizemos a diferença. Nós fizemos a cidade mais forte, nós fizemos a cidade mais livre e a deixamos em boas mãos.

No dia oito de março de 1982, Reagan discursou na Associação Nacional de Evangélicos, entidade fundamentalista, e usou, pela primeira vez até onde se sabe e se tem registrado, a expressão *Evil Empire*, com referência à União Soviética, inimiga dos verdadeiros cristãos por professar o marxismo ateu. Para o presidente, o país precisava conhecer “[...] os fatos históricos e os impulsos agressivos de um império maligno” e não achar que a corrida armamentista é apenas “[...] um tremendo desentendimento e, portanto, retirar-se da luta entre o certo e errado, entre o bem e o mal” (Dall’agnol, 2017, p. 91). Gustavo Fornari Dall’Agnol lembra o fundamento cristão² da fala de Reagan, que argumentou no mesmo discurso: “o Marxismo-Leninismo é, na verdade, a segunda forma de fé mais antiga, primeiramente proclamada no Jardim do Éden com as palavras de tentação “vós sereis como Deuses” (Dall’agnol, 2017, p. 91). Ainda, em seu discurso, conclamou a nação a seguir o caminho divino para combater o mal no mundo:

Sim, rezemos pela salvação de todos aqueles que vivem na escuridão do totalitarismo – rezemos³ que descubram o prazer de conhecer Deus. Mas até que o façam, deixe que fiquemos atentos ao fato de que enquanto eles propaguem a supremacia do Estado, declarando sua onipotência diante indivíduo, e prever sua dominação de todas as populações da Terra, que eles são o foco do mal no mundo (Dall’agnol, 2017, p. 91).

Por fim, invertendo a lógica do próprio Evangelho, afirmou em outro discurso:

Os Estados Unidos não começam brigas. Nós nunca seremos o agressor. Nós mantemos nossa força para que possamos dissuadir e nos defendermos contra o agressor – para preservar a liberdade e a paz [...]. Dissuasão significa simplesmente isso: garantir que qualquer adversário que pense em atacar os Estados Unidos, ou seus aliados, ou seus interesses vitais, conclua que os riscos a ele se sobressaem seus ganhos em potencial. Quando ele entender isso, não atacará. Nós mantemos a paz através da força; a fraqueza só provoca agressão (Dall’agnol, p. 92, 2017).

Durante o seu primeiro mandato, Ronald Reagan falou mais uma vez diante da Associação Nacional de Evangélicos, em 1984:

Segundo o presidente, o país começava a viver o renascimento da liberdade e da fé, ‘uma grande renovação nacional’ que trouxe a ‘América de volta’. Dividindo o suposto sucesso de sua política com toda a nação, Reagan lembrou que naquele momento a recuperação econômica estava ganhando força, mas a renovação era mais do que material. A nação teria começado um renascimento espiritual no qual a fé e a esperança estavam sendo restauradas. Os Estados Unidos estariam ‘voltando para Deus’. Reagan revelou que o número de fiéis nas igrejas estava aumentando, assim como o consumo de livros espirituais e a mídia religiosa. Mesmo nas universidades, os jovens estariam deixando de evitar Deus. Reconhecendo a nação nas histórias bíblicas, Reagan revelou sua passagem favorita do livro sagrado: ‘se meu povo que é chamado por meu nome se submeter, rezar, procurar por mim e mudar suas maneiras ruins, então eu escutarei dos céus, perdoarei seus pecados e livrarei sua terra do mal’. Para o presidente, ‘os americanos do Maine à Califórnia estão procurando por Deus e Ele começou a livrar nossa terra abençoada do mal’ (Moll Neto, 2011, p. 15).

² Obviamente, embora o autor do texto citado não faça distinção, poderia ser dito algo como “um certo tipo de cristianismo”. Trata-se de um tipo de cristianismo conforme a leitura e interpretação do fundamentalismo estadunidense, isto é um tipo próprio e específico de cristianismo protestante.

³ A melhor tradução seria “oremos”, em se tratando do mundo evangélico.

O vice-presidente de Reagan, George Herbert Walker Bush, foi eleito para o mandato de 1989 a 1993, mas derrotado na tentativa de reeleição pelo democrata Bill Clinton. Por sua vez, após dois mandatos, Clinton não conseguiu eleger seu vice, que foi derrotado por George Walker Bush, filho do Bush anterior. Os mandatos do pai e do filho, ambos do Partido Republicano, seguiram a mesma ideologia de Reagan, de forma que, apesar do interregno democrata sem grandes mudanças, foi cunhada a expressão “Era Reagan”. George W. Bush, como ficou mais conhecido o filho, era o presidente quando ocorreram os ataques de onze de setembro de 2001. Em janeiro de 2002, no tradicional discurso diante do Parlamento, Bush fez referência ao “Eixo do Mal”, acusando, notadamente, Irã, Iraque e Coreia do Norte. A expressão parece ter sido cuidadosamente pensada, pois remete à ideia do “Eixo” – Alemanha, Itália e Japão -, países derrotados na Segunda Guerra como os inimigos da democracia e da liberdade. A expressão também é relacionada ao presidente Reagan e a seu “Império do mal”; o que interessa aqui é a herança e o arcabouço religioso que sustentam o discurso.

É necessário apontar para uma mudança que ocorreu no protestantismo dos Estados Unidos entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. Nesse período, surgiu e se desenvolveu o movimento que seria conhecido como fundamentalismo, o qual promoveu uma “grande inversão” na forma como parte do protestantismo norte-americano enxergava a vida cristã e sua ação na sociedade e “[...] dirá sem rodeios que a única resposta de Cristo à escravidão, à intemperança, à prostituição, à distribuição desigual das riquezas e à opressão dos fracos é pregar a regeneração mediante o Espírito Santo” (Bonino, 2002, p. 36). Essa espiritualização acarretou uma disposição de enxergar o diabo em todas as coisas que deveriam ser combatidas pelo cristão com a ajuda do Deus. Os inimigos, como a secularização, o consumismo e, principalmente, o comunismo passaram a ser nomeados e atacados. Deveria haver guerra constante, espiritual e, se preciso, física contra eles.

O comunismo parece ter sido derrotado com a queda do muro de Berlim e com a dissolução da União Soviética, mas um outro inimigo da fé cristã e, portanto, dos Estados Unidos, foi encontrado: o Islamismo. Foi assim que o fundamentalismo se tornou um aliado poderoso dos grupos conservadores e de direita política norte-americana. O *site* do *Council on Foreign Relations* publicou, em 2006, uma conclusão baseada em uma série de pesquisas sobre o pensamento dos grupos religiosos. Diz o seguinte:

Os evangélicos têm a mais negativa visão do Islamismo e dos Muçulmanos. Shah do Pew Forum afirma que os ataques de onze de setembro confirmaram o ponto de vista entre muitos evangélicos que o Islamismo é uma fonte de violência no mundo [...] muitos evangélicos veem a guerra ao terror, a guerra no Iraque, a luta contra a perseguição religiosa, como parte de uma peça, como parte de uma política externa geral impulsionando para desafiar o radicalismo islâmico (Council on Foreign Relations, 2006, *online*, tradução nossa).

Essa reportagem ainda lembra que Franklin Graham, filho do famoso Billy Graham, “[...] criou um tumulto ao dizer, depois dos ataques de onze de setembro que o Islamismo era uma religião muito má e muito perversa” (Council on Foreign Relations, 2006, *online*, tradução nossa). Além disso, informa que esse grupo de evangélicos, segundo todas as pesquisas, era o que mais apoiava as iniciativas de Bush no Iraque.

Outra mudança que ocorreu na relação do protestantismo fundamentalista com a sociedade norte-americana foi a partir de 1973, ano em que a Suprema Corte aprovou o direito ao aborto. A partir desse fato, os conservadores, liderados por Jerry Falwell, fundaram o movimento “Maioria Moral”, o qual, segundo algumas pesquisas, levou cerca de dois terços desses evangélicos a votarem no candidato republicano e conservador Ronald Reagan nas eleições em 1980 (Lissardy, 2020). Esse movimento acabou

dissolvido nos primeiros anos do século XXI, mas um novo grupo surgiu em 2005, *The Gospel Coalition*, que, mesmo sem a mesma ênfase política do anterior, mantém o viés fundamentalista. Nesse sentido, foi mantida a mesma prática política e eleitoral de apoiar os candidatos de direita.

Essas transformações no protestantismo acompanham as mudanças no País, que foi se tornando cada vez mais agressivo em relação aos inimigos. O protestantismo fundamentalista identifica a guerra contra o islamismo como uma guerra contra o mal e como um dever do cristão verdadeiro. O pastor batista e professor de Direito Anthony Cook (2004-2005, p. 5, tradução nossa), em artigo publicado na prestigiada *Journal of Law and Religion*, da Universidade de Cambridge, afirma: “[...] há uma coisa para entender, então, os evangélicos conservadores parecem dizer: os atores são maus, e o mal deve ser destruído, qualquer que seja o meio necessário”. Daí o apoio para os políticos com pautas conservadoras: quanto mais conservadoras, mais indicativas de estarem fazendo a vontade divina. Isso levou esse grupo a apoiar fortemente Trump e sua política de confronto com boa parte do mundo civilizado. A guerra é cada vez mais clara e declarada. É uma guerra santa.

Punição divina e ameaça diabólica

A partir da representação que o povo norte-americano tem de si como dirigido por Deus, duas respostas foram oferecidas para os problemas nacionais e para os ataques de onze de setembro: punição divina por erros eventualmente cometidos pela nação e ameaça do diabo sobre a nação que, no caso do ataque, usou os muçulmanos para o plano demoníaco.

Anthony Cook avaliou as reações dos evangélicos ao golpe sofrido em 2001 a partir de sermões e de entrevistas de pastores representativos de diferentes grupos internos do protestantismo norte-americano. O primeiro a ser citado foi Jerry Falwell, entrevistado por Pat Robertson, dois dos mais importantes e representativos entre os fundamentalistas americanos. Falwell, depois de se referir aos muçulmanos como terroristas radicais e monstros do Oriente Médio, disse:

[...] os abortistas tiveram que carregar o fardo por isto porque não se pode zombar a vontade de Deus. E quando nós destruímos 40 milhões de pequenos bebês inocentes, nós tornamos Deus furioso. Eu realmente acredito que os pagãos, os abortistas, as feministas, os gays e as lésbicas, que estão tentando um estilo de vida, a ACLU⁴, People For the American Way⁵, ambos que tem tentado secularizar a América. Eu aponto o dedo para as suas faces e digo: Vocês colaboraram para este acontecimento (COOK, 2004-2005, p. 4, tradução nossa).

O jornal *The Guardian* (Falwell..., 2011, *online*) fez uma reportagem sobre essa mesma entrevista, e, como os grupos liberais retrucaram, levando até o presidente Bush, que sempre fora apoiado por ambos, a dizer que “[...] o presidente acredita que terroristas são os responsáveis por estes atos” e depois que “[...] não compartilha esta visão e acredita que são observações inapropriadas”. Claro que estavam em jogo questões políticas e de governança, mas o importante é que o jornal avança na discussão, informando que o discurso dos dois pastores estava “[...] baseado na teologia familiar e aceita por muitos cristãos evangélicos conservadores, os quais acreditam que a Bíblia ensina que Deus retira sua proteção das nações que violam a sua vontade” (Falwell..., 2011, *online*, tradução nossa).

⁴ ACLU: *American Civil Liberties Union*, algo como “União Americana pelas Liberdades Cívicas” é uma organização centenária que atua ativamente na defesa das liberdades cívicas garantidas constitucionalmente.

⁵ *People for the American Way*, uma organização fundada nos anos 1980, principalmente como reação ao Movimento Maioria Moral. Atua na defesa judicial quando entende haver quebra dos direitos cívicos.

A reportagem cita o presidente do Seminário Batista do Sul, que afirma: “[...] não há dúvidas que a América tem se acomodado com muitos pecados e deveria sempre temer o julgamento de Deus e esperar que no devido tempo o julgamento virá” (Falwell..., 2011, *online*, tradução nossa). No entanto, tem o cuidado de dizer que é necessário ser “muito cuidadoso para apontar quaisquer circunstâncias ou tragédias específicas e dizer que tal coisa aconteceu como punição direta de Deus” (Falwell..., 2011, *online*, tradução nossa). Apesar de uma tentativa de correção, fica claro que esse é o tipo de teologia que anima os conservadores.

O aclamado programa *Larry King Live*⁶ entrevistou cinco líderes cristãos sobre o possível ataque dos Estados Unidos ao Iraque em 2001. O *site* da CNN, traz o programa transcrito com o título “CNN *Larry King Live*” e o subtítulo “*Panel of Christians Speaks Out on War With Iraq*”. Os entrevistados foram, na ordem em que são apresentados, Bob Jones II, Max Lucado, Michael Manning, John MacArthur e Melvin Talbert, bispo da Igreja Metodista, recebido com o seguinte comentário: “O Presidente Bush é um metodista, mas o Bispo Talbert, que foi ao Iraque há poucos meses, opõe-se à guerra” (CNN..., 2003, *online*, tradução nossa). Michael Manning é padre católico romano, e Jones, Lucado e MacArthur são líderes do protestantismo conservador nos Estados Unidos. Bob Jones era, à época, o presidente da *Bob Jones University*, fundada por seu avô com o objetivo de se tornar um espaço conservador de educação superior. O *site* da instituição (<https://www.bju.edu/>), no link “*position statements*”, deixa claras as posições fundamentalistas em teologia e em usos e costumes. Max Lucado é “[...] o único autor a ter ganhado três prêmios *Christian Book of the Year*” informa o *site* oficial em português (Sobre..., c2020, *online*), e o *site* oficial norte-americano (<https://maxlucado.com>) apresenta mais de quarenta títulos de sua autoria. John MacArthur produziu “[...] cerca de quatrocentos livros e guias de estudos” (John..., c2021, *online*, tradução nossa); seu programa de rádio *Grace to You*, em inglês, alcança todos os continentes e, em espanhol, chega a vinte e três países na Europa e na América Latina, segundo o *site* oficial da *Grace Community Church* (<https://www.gracechurch.org/leader/macarthur/john>).

O programa se inicia com Bob Jones argumentando que Jesus, ao encontrar um centurião, não o condenou por participar de guerra, e que “[...] o Senhor disse que o mundo sempre terá guerras” (CNN..., 2003, *online*, tradução nossa). MacArthur argumenta que é preciso compreender o sentido exato do texto bíblico e que o Antigo Testamento “[...] conta que Israel foi à guerra contra os amalequitas, convocados por Saul para ir e destruir os amalequitas porque eles eram uma praga entre os humanos” (CNN..., 2003, *online*, tradução nossa). Jones se diz “[...] feliz que nós temos um presidente que ora e busca a face de Deus quando muitas vidas estão em estacas”. Lucado acredita que o presidente “[...] tem uma obrigação moral de proteger pessoas inocentes tanto aqui como fora” (CNN..., 2003, *online*, tradução nossa). MacArthur usa o texto de *Lucas 14:31*, quando Jesus comenta que ninguém sai para uma guerra sem calcular as suas possibilidades, então é interrompido pelo padre e por Larry King, que lhe perguntam se isso significa que Jesus endossava a guerra, ao que ele responde: “[...] ele endossava o fato da proteção e guerra justa”. Para MacArthur, a guerra contra o Iraque seria justa, “[...] uma guerra para proteger o nosso povo”. Há um problema hermenêutico em interpretar textos narrativos como mandamentos (CNN..., 2003, *online*, tradução nossa).

Em outro momento, MacArthur diz que “a teologia do Islam é falsa”, com um Deus e um ponto de vista sobre Jesus errados. Para King, quando os muçulmanos ouvem isso, facilmente têm pensamentos antiamericanos. Não convencido, MacArthur diz que “[...] a Palavra de Deus tem sido estabelecida como verdade, e eu penso que pode resistir ao mais intenso escrutínio e nenhum outro livro pode”, uma visão

⁶ Larry King (1933-2021), um radialista que foi para a televisão e, entre 1985 e 2010, dirigiu o programa diário de entrevistas *Larry King Live*. Os medidores de audiência consideram o programa um dos mais assistidos, com mais de um milhão de espectadores a cada noite.

típica do fundamentalismo acerca do texto sagrado (CNN..., 2003, *online*, tradução nossa). Ao final do programa, Jones argumenta que “Deus dá às nações o direito de promover guerra” contra os maus e para a proteção dos bons, e afirma que “a Bíblia em nenhum lugar condena a guerra”, embora reconheça, de qualquer modo, que a guerra “[...] é um fruto da perversa e pecaminosa natureza humana”. Ele finaliza dizendo que o governo norte-americano tenta proteger “o bem de todo o mundo, não somente da América, já que esses terroristas são uma ameaça para todos na face da terra”. Desse modo, os Estados Unidos da América seriam os guardiões do bem no mundo, como expressa o conceito do destino manifesto.

Uma outra visão

Embora o discurso protestante fundamentalista tenha peso importante na sociedade e na política estadunidense, isso não significa que o mundo evangélico seja homogêneo. No debate conduzido por Larry King, havia a presença de um evangélico contra a guerra, embora com pouca participação efetiva. Os três conservadores, por serem muito conhecidos dentro e fora do País, dominaram o debate e demonstraram o poder do grupo. Eles não são a maioria, mas se comportam de forma muito determinada e, em geral, bastante ruidosa, além de terem um grande poder econômico. Basta lembrar aqui que, no desenvolvimento do movimento fundamentalista, foi publicada uma série de livretos, posteriormente editados juntos sob o título de “Os Fundamentos”, afirmando os padrões teológicos do movimento. Pois bem, essa publicação foi custeada por dois irmãos, donos de petrolífera. A ligação de endinheirados com o conservadorismo é perene, por óbvio.

A visão evangélica contrária à guerra foi representada no debate pelo metodista Melvin Talbert. Anthony Cook, citado acima, aponta três visões diferentes. A primeira, exposta na entrevista de Jerry Falwell para Pat Robertson, é a posição de acusar os pecados da nação e a consequente punição divina, além da beligerância para destruir o mal. Cook expõe, a seguir, uma posição que ele mesmo chama de mais moderada, a partir de um sermão do Bispo T. D. Jakes, pastor de uma igreja de maioria afro-americana:

A abordagem de Jakes difere da de Falwell em aspectos significativos. Primeiro, a ideia de que o onze de setembro de algum modo representou o julgamento de Deus sobre a América é inequivocamente rejeitada. Em segundo lugar, a linha entre Nós e O Outro é claramente traçada, porém O Outro se limita ao Inimigo diretamente responsável pelas atrocidades, não a ‘monstros’ ou americanos cujas políticas liberais causaram a tragédia. Porém, mais criticamente, o apelo cristão à ação não é para cristianizar a política governamental e legal, mas sim, orar e apoiar a liderança política ordenada colocada por Deus no poder (Cook, 2004-2005, p.10, tradução nossa).

Traçando uma clara diferença, o pregador afirma: “Há pessoas dizendo: ‘Deus fez isso’. Não para mim. O Deus ao qual venho cultuando por estes anos não é o Deus que teria enviado um 747 direto para o World Trade Center para matar aleatoriamente” (Cook, 2004-2005, p. 10, tradução nossa). Ele conclui: “A teologia conservadora, como observamos, enfatiza o pecado, o julgamento e a redenção dos justos por meio da punição de Deus. A ênfase dos evangélicos mais moderados está no bem, na misericórdia e graça de Deus” (Cook, 2004-2005, p. 13, tradução nossa). Cook reprova os moderados por não criticarem a política externa governamental, “[...] abdicando da responsabilidade de chamar os governantes para prestar contas e pagar por políticas contrárias à religião profética de Jesus” (Cook, 2004-2005, p. 15, tradução nossa).

A outra possibilidade de interpretação entre os evangélicos é chamada por Cook de “evangélico progressivo”. Para abordar essa vertente, ele usa um sermão de Jeremiah Wright, pastor da *Trinity*

United Church, em Chicago, muito conhecida por ser a igreja da qual Barack Obama era membro, embora tenha se desligado durante a corrida eleitoral para a Casa Branca, devido aos comentários mais radicais dos pastores da comunidade. Jeremiah Wright entende que “[...] tragédias como a de onze de setembro dão uma oportunidade para um autoexame crítico nos níveis espiritual, interpessoal e social” (Cook, 2004-2005, p. 17, tradução nossa). Esse exame poderia “[...] revelar os caminhos nos quais nós podemos parecer mais com o Outro e como o Outro pode parecer mais conosco do que gostaríamos de admitir” (Cook, 2004-2005, p. 18, tradução nossa). Isso deve levar à humildade e ao reconhecimento, seja como indivíduos, seja como nação, na relação com as outras nações, o que não teria acontecido com os norte-americanos. Assim, o pregador sugere que a nação estaria “[...] colhendo o que semeou e deve ser chamada a prestar contas acerca dos erros e injustiças feitas no mundo” (Cook, 2004-2005, p. 21, tradução nossa). A Igreja teria um papel importante, pois a sua função profética deveria levá-la a “[...] promover leis, implementar políticas e a construir pontes entre nós e os Outros (Cook, 2004-2005, p. 23, tradução nossa).

Mesmo entre os conservadores, há opiniões divergentes. O conhecido pregador televisivo dos Estados Unidos, James Robinson, em reportagem citada acima do jornal *“The Guardian”* declara que é necessária uma visão mais ampla dos pecados da nação, incluindo “[...] arrogância em relação aos países do Terceiro Mundo, pilhagem de outros países por recursos enquanto sustenta os seus governos autoritários e indiferença para com a pobreza e a dor dos outros” (Falwell, 2011, *online*), embora mantenha o mesmo pensamento de que é o afastamento de Deus o responsável pela vulnerabilidade e pela dor sofrida.

Repercussão no Brasil

O conjunto de ideias presentes no conceito do destino manifesto foi espalhado por nações de todos os continentes. No Brasil, ainda no século XIX, já foi dito que o que era bom para os Estados Unidos era bom para o Brasil. Viu-se acima que a expansão missionária dos séculos XIX e XX foram importantes para que a cultura norte-americana se espalhasse pelo mundo, mas não foi apenas pela religião que isso ocorreu. O modelo liberal de estado, surgido na grande nação do norte, era o ideal de muitos brasileiros, como foi o caso dos inconfidentes mineiros que mantiveram contato com Thomas Jefferson, então embaixador na França, em busca de apoio para a criação de uma república nos mesmos moldes da América do Norte. Os contatos não evoluíram, tampouco a Inconfidência Mineira teve sucesso.

Durante os debates políticos no século XIX, o modelo norte-americano sempre esteve presente no horizonte brasileiro, especialmente após a Proclamação da República. O governo provisório, cujo principal nome era Rui Barbosa, instalou uma Constituinte e uma Comissão prévia para elaborar o projeto constitucional, o qual foi claramente inspirado na Constituição dos Estados Unidos da América. A primeira Constituição republicana brasileira, promulgada no dia 24 de fevereiro de 1891, tinha grande influência do constitucionalismo e do federalismo americanos.

No entanto, é no protestantismo missionário, que entrou no Brasil a partir de meados do século XIX, em que se encontra inequivocadamente a visão dos Estados Unidos da América como o modelo ideal para a nação brasileira. Um exemplo desse pensamento é o livreto *“As Exéquias e Abraão Lincoln”*, publicado por José Manoel da Conceição, ex-padre que se tornou pastor presbiteriano. O texto traz uma parte do próprio Conceição e uma tradução do sermão fúnebre proferido pelo *“Reverendo Dr. Gurley, Pastor de Igreja New-York_Avenue Presbyterian à que pertencia o ilustre finado”* (Conceição, [1865?],

p. 7), enaltecendo “[...] um povo grato e generoso” (Conceição, [1865?], p. 4). Em esboço biográfico de Lincoln, Conceição cita discurso do presidente, dizendo: “sem essa mesma ajuda Divina, sinto-me incapaz de desempenhar o meu dever. No mesmo Ente Todo Poderoso deposito minha confiança, e espero que vós, meus amigos, fareis por mim oração” (Conceição, [1865?], p. 31). Por fim, avalia: “Nesta cena não sabemos o que mais admirar. O tocante e o sublime se confundem e harmonizam perfeitamente. O simples cidadão, elevado à primeira honra à que se pode aspirar em sua pátria, mostra-se cômico da grande responsabilidade que vai assumir” (Conceição, [1865?], p. 31). No período do Império, não era por capacidade que se chegava aos cargos de mando no Brasil - a nação estadunidense se mostrava como exemplo de local onde a virtude pessoal poderia levar um homem simples ao mais alto cargo.

Silva (2020) mostra como os Estados Unidos eram vistos no protestantismo brasileiro como modelo perfeito para o Brasil, extraíndo exemplos de artigos do jornal “Imprensa Evangélica”, o mais importante e longevo jornal protestante (presbiteriano) do século XIX. Entre os diversos exemplos, destaca-se a citação a seguir, extraída da edição de 23 de janeiro de 1886:

Mas talvez não haja país no mundo onde se tem feito tanto como nos Estados Unidos, como se vê nos fatos que adiante transcrevemos: Mr. William Marther, comissário real da Inglaterra, no seu relatório, publicado em 1883, sobre a -Educação Técnica nos Estados Unidos e Canadá, depois de um exame minucioso, viajando por toda parte da União Americana, fazendo um estudo especial das relações entre as escolas públicas e os estabelecimentos industriais do país, chegou à conclusão que a proeminência do povo americano nas indústrias mecânicas e no desenvolvimento agrícola por meio de novos e engenhosos instrumentos da lavoura era devida ao grande número de Escolas livres em todos os ramos dos conhecimentos humanos e para todas as classes do povo (Silva, 2020, p. 119).

Os Estados Unidos da América foram o grande celeiro de missionários para o Brasil, assim como para outras partes do mundo. Em terras brasileiras, as chamadas igrejas históricas, que fincaram presença no País a partir do século XIX, iniciaram as atividades a partir de missionários estadunidenses. Eventualmente, chegaram missionários de países protestantes europeus, mas a hegemonia continuou sendo norte-americana, o que vale para todos os países da América Latina. A visão da grande nação do norte como modelo de republicanismo, de democracia e de liberdades era acompanhada pela ideia de que tudo isso se devia ao culto, à religião verdadeira exercida pela maioria da população. Para os evangélicos, foi se tornando cada vez mais natural que o que ocorria na grande nação do norte tivesse repercussão nas igrejas daqui. Praticamente toda a teologia estudada entre os protestantes brasileiros tem sido produzida nos Estados Unidos ou, sendo eventualmente europeia, chega aqui por mediação do fundamentalismo norte-americano.

Pode-se perceber a influência atual desse protestantismo norte-americano no Brasil ao se verificar as publicações em português. Usando exemplarmente alguns dos nomes citados acima, há dois autores com a maior quantidade de livros publicados em português, Max Lucado e John MacArthur, o primeiro com quase uma dezena de obras e, o segundo, com mais de uma dezena de livros no Brasil, além de uma Bíblia de Estudos. Diversas editoras se ocupam de publicações nessa linha. Além de livros, Lucado e MacArthur estiveram no Brasil para conferências e pregações. Desde o surgimento do fenômeno dos pastores televisivos nos anos 1960 e do enorme crescimento de programas nas décadas seguintes, muitos desses telenvangelistas tiveram programas repetidos em emissoras brasileiras.

A influência desse grupo sobre a América Latina tem sido considerada há algum tempo. Taylor Boas (Boas, 2020, p. 116) informa que:

Na imprensa popular, especialmente nos Estados Unidos, é comum sugerir que a direita cristã americana está desempenhando um papel importante nas ambições políticas dos evangélicos latino-americanos (Bell e Taj, 2014; Fox News 2014). Alguns acadêmicos apoiaram argumentos semelhantes (Corrales, 2018; Encarnación, 2017; Levine, 1992, p. 360-361).

Embora o texto acima fale de questões políticas, não é difícil perceber a influência da teologia fundamentalista no discurso de boa parte da liderança evangélica no Brasil, sendo a política uma delas. Alguns exemplos bastam para ilustrar: pastor e Deputado Federal, Marco Feliciano tem protagonizado diversas declarações com cunho fundamentalista inspirado na teologia esposada nos Estados Unidos. Em 2011, ele publicou em sua conta do aplicativo *Twitter* que “Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é a polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters rsss” (Balza, 2011, *online*). Ele reafirmou o mesmo discurso em 2013. Seu pensamento sobre o islamismo aparece em um jornal religioso virtual ao afirmar que “[...] o objetivo do Islã é implementar a Sharia em todo o mundo. E, mais do que um entrave religioso, é muito mais um entrave político, porque nenhuma lei ou constituição, no mundo islâmico, pode contrariar a Sharia, pois acredita-se que ela foi escrita por Alah” (Feliciano, 2017, *online*). Nesse mesmo jornal, assinando uma coluna com o título “Conservadorismo”, escreveu sobre o ataque de onze de setembro: “Hoje uma nova Torre se ergue majestosa, indicando que nada abala uma nação fincada nos princípios Cristãos de que Deus está acima de tudo e as vicissitudes são prenúncios de grandes vitórias” (Feliciano, 2019, *online*). Fica claro que os Estados Unidos não podem ser derrotados por ser uma nação assentada sobre “princípios cristãos”.

Outro combatente fundamentalista brasileiro, aplicado na defesa da agenda direita política, é Silas Malafaia. O jornal *online* evangélico, “Gospel+”, publicou reportagem na qual o pastor critica o discurso de Dilma Roussef na ONU, em 2012, quando a então presidenta do Brasil defendeu o povo palestino. Afirmando que há uma “cristofobia” nos países islâmicos e perseguição religiosa, queria que a fala de Roussef fosse de condenação ao islamismo e defesa de Israel. Conclui ensinando que:

Os palestinos são de origem árabe, não possuem cultura palestina, possuem uma língua e cultura árabes. Milenarmente aquelas terras pertencem a Israel, creio que haverá paz (tirando aqui a questão escatológica e espiritual) quando eles reconhecerem o Estado de Israel como uma nação soberana (Chagas, 2012, *online*).

Valdinei Ferreira (2005) demonstrou como revistas evangélicas brasileiras, especificamente a Revista Vinde e a Ultimato se ocuparam do tema do islamismo na última década do século XX e nos primeiros anos do século XXI. Listando os títulos de diversos artigos e notícias, mostra que “o islamismo, além de ser apresentado como inimigo da liberdade religiosa e perseguidor feroz dos cristãos, é também descrito como uma religião em rápida expansão pelo mundo”, o que exige uma resposta “das forças missionárias do cristianismo para combater o antigo inimigo maometano” Ferreira (2005, p. 2).

Feliciano e Malafaia representam a maior parcela do campo evangélico atual do Brasil e mostram como o pensamento conservador norte-americano é recebido de forma acrítica, mas aqui também há uma minoria de vozes discordantes. Basta um exemplo como Ricardo Gondim, que fez uma avaliação do programa citado acima, *Larry King Live*, em seu blog, sob o título “Minha profunda decepção”. Primeiro, afirma que o metodista e o padre católico se manifestaram contra a guerra, mas que estes “[...] participaram pouco e mal conseguiram colocar seus pontos de vista” (Gondim, 2011, *online*). A indignação de Gondim se apresenta na constatação de que esses conhecidos pastores “[...] não tiveram escrúpulos de citar a Bíblia para defenderem a política imperialista e sórdida da direita republicana” e acentua que John MacArthur “[...] referiu-se ao inferno que aguarda os muçulmanos sem demonstrar compaixão. Esse

senhor fundamentalista, inimigo dos pentecostais, dos liberais e de todos os que não leem a Bíblia com o seu literalismo, me causou muito medo” (Gondim, 2011, *online*). A seguir, Gondim (2011, *online*) aponta para “[...] o rosto cínico do Bob Jones” que “[...] falava com ódio e ria ao mesmo tempo” legitimando a guerra “[...] com o argumento de que as autoridades foram constituídas por Deus para promover o bem e punir os maus”. Ele finaliza acidamente, dizendo que Max Lucado é “um pusilânime” e que “[...] quando defendeu a guerra mostrou que jamais se posicionaria contra a comunidade evangélica que votou em Bush e, fascinada, acredita que ele é o ungido de Deus para proteger o mundo” (Gondim, 2011, *online*).

Independente da paixão pessoal de Ricardo Gondim e da adequação de sua avaliação ao tecer juízo de valor acerca do que entendeu como falta de escrúpulos e de compaixão, cinismo e pusilanimidade (o que é legítimo para um blog), o que se quer destacar é o fato de haver uma posição diferente, contrária do fundamentalismo.

Conclusão

O atentado de 11 de setembro de 2001 foi um evento que provocou diversas manifestações por parte dos evangélicos estadunidenses. Os fundamentalistas, com forte presença midiática e poder econômico, disseram que o ataque foi punição divina pelos erros cometidos pela sociedade nacional. Erros como homossexualidade e prática do aborto estão entre os mais visados e denunciados. Desse ponto de vista, Deus estaria punindo a sociedade que deixou de seguir os padrões bíblicos para a vida. Representando a si como um povo escolhido de Deus para ser uma cidade sobre o monte, destinado a testemunhar a luz divina para as outras nações, esse grupo se sentiu chamado a acusar os pecados, a aceitar a punição divina e a se converter.

Além de servir como luzeiro para o mundo, o conceito do destino manifesto desenvolveu um sentimento no povo norte americano de serem os guardiões da democracia e da civilização cristã. Daí, lutar contra o inimigo, que é o próprio diabo, seria o caminho natural. Aqui, o islamismo entrou como povo perverso, oposto da fé cristã, de forma que o único caminho para a salvação dos norte-americanos e do mundo todo seria uma vitória definitiva contra ele. A guerra foi defendida pelos principais líderes das igrejas fundamentalistas dos Estados Unidos.

Viu-se que houve outras vozes, mesmo conservadoras, que procuraram uma visão mais moderada; outras, de forma mais radical, buscaram uma avaliação ampla, chegando a criticar a nação pelas escolhas equivocadas em seu relacionamento com os demais países do globo. Essas vozes têm sido minoritárias na sociedade estadunidense, como o programa de entrevista com líderes religiosos demonstrou.

A Igreja brasileira, fortemente influenciada pelo mundo evangélico fundamentalista norte-americano, replicou aqui as mesmas justificativas e explicações e a mesma visão sobre o islamismo. Certamente, no Brasil também existem vozes discordantes dessa posição bélica, mas, como ocorre nos Estados Unidos, são igualmente silenciadas.

Referências

- Ahlstrom, S. E. *A religious history of the American people*. 4. ed. New Haven: Yale University Press, 1972.
- Bailyn, B. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: EDUSC, 2003. p. 49-138.

- Balza, G. Deputado federal diz no Twitter que “africanos descendem de ancestral amaldiçoado”. *UOL*, 31 mar. 2011. Política. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/03/31/deputado-federal-diz-no-twitter-que-africanos-descendem-de-ancestral-amaldiçoado.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- Boas, T. C. A representação eleitoral dos evangélicos na América Latina. In: Guadalupe, J. L.; Carranza, B. (org.). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 113-130.
- Bonino, J. M. *Rostos do protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 36.
- Chagas, T. Islamofobia: pastor Silas Malafaia critica discurso de Dilma na ONU e afirma que presidente “perdeu a chance de ficar de boca fechada”: entenda. *Gospel+*, 27 set. 2012. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/malafaia-islamofobia-dilma-chance-boca-fechada-43158.html>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- Chartier, R. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CNN Larry King Live: panel of Christians speaks out on war with Iraq. *CNN*, march 11, 2003. Available from: <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/030311/kl.00.html>. Cited: May 15, 2021.
- Conceição, J. M. *As exéquias de Abrahão Lincoln*, presidente dos Estados-Unidos da América com esboço biográfico do mesmo. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, [1865?].
- Cook, A. E. Encountering the other: evangelicalism and terrorism in a post 911 world. *Journal of Law and Religion*, v. 20, n. 1, p. 1-30, 2004-2005.
- Council on Foreign Relations. Christian Evangelicals and U.S. *Foreign Policy*, Aug. 22, 2006. Available from: <https://www.cfr.org/backgrounder/christian-evangelicals-and-us-foreign-policy>. Cited: Mar. 27, 2021.
- Cunha, M. N. *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador: Koinonia, Presença Ecumênica e Serviço, 2020.
- Dall’agnol, G. F. *A economia política da Guerra nas Estrelas: as elites econômicas e a elite governamental na definição da agenda de segurança sob o Governo Ronald Reagan*. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado em Economia Política Internacional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- Dorneles, V. O reino Norte-Americano: a escatologia do Evangelho Social de Rauschenbusch e o Destino Manifesto. *Estudos de Religião*, v. 32, n. 2, p. 117-138, 2018.
- Falwell: blame abortionists, feminists and gays. *The Guardian*, 2011. Available from: <https://www.theguardian.com/world/2001/sep/19/september11.usa9>. Cited: Apr. 1, 2021.
- Feliciano, M. O objetivo do Islã é implementar a Sharia em todo o mundo. *Pleno.News*, 13 out. 2017. Disponível em: <https://pleno.news/opiniao/marco-feliciano/sharia.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- Feliciano, M. As memórias do atentado em 11 de Setembro. *Pleno.News*, 11 set. 2019. Disponível em: <https://pleno.news/opiniao/marco-feliciano/as-memorias-do-atentado-em-11-de-setembro.html>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- Ferreira, V. A. Guerra contra o Islã no discurso missionário brasileiro. In: Simpósio Nacional de História: Anpuh, 33., 2005, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: Anpuh, 2005. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- Florenzano, M. Apresentação. In: Bailyn, B. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: EDUSC, 2003. p. i-v.
- Fonseca, C. “Deus está do nosso lado”: excepcionalismo e religião nos EUA. *Contexto Internacional*, v. 29, n. 1, p. 149-185, 2007.
- Gondim, R. Minha profunda decepção. *Ricardo Gondim*, 5 jul. 2011. Disponível em: <https://www.ricardogondim.com.br/estudos/minha-profunda-decepcao/>. Acesso em: 27 mar. 2021.
- Grant, S-M. *História concisa dos Estados Unidos da América*. São Paulo: Edipro, 2014.
- John MacArthur. *Grace Community Church*, c2021. Available from: <https://www.gracechurch.org/leader/macarthur/john>. Cited: May 15, 2021.
- Johnson, P. *A history of the American people*. New York: Harper Perennial, 1999. p. 20-611.
- Kissinger, H. *Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Lissardy, G. Dá para vencer eleição sem Jesus? Como evangélicos se tornaram cruciais para Trump. *BBC News Brasil*, 6 out. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54433345>. Acesso em: 12 abr. 2021.

Mendonça, A. G. Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil. In: Mendonça, A. G.; Velasques Filho, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyla, 2002. p. 133-144.

Moll Neto, R. *Reaganation: a nação e o nacionalismo neoconservador nos Estados Unidos nos discursos de Ronald Reagan (1981-1988)*. In: Simpósio Nacional de História: Anpuh, 26., 2011, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Anpuh, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300063542_ARQUIVO_Artigo-Reaganat ionacaoeonalismoneoconservadornosEstadosUnidosnosdiscursosdeRonaldReagan\(1981-1988\)-RobertoMoll-ANPUH-2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300063542_ARQUIVO_Artigo-Reaganat%20ionacaoeonalismoneoconservadornosEstadosUnidosnosdiscursosdeRonaldReagan(1981-1988)-RobertoMoll-ANPUH-2011.pdf). Acesso em: 29 mar. 2021.

Silva, I. B. Intelectuais protestantes, circulação de ideias e educação no jornal Imprensa Evangélica na segunda metade do século 19. In: Leonel, J.; Silva, I. B.; Souza, S. L. *O jornal 'Imprensa Evangélica' e o protestantismo brasileiro*. Votorantim: Linha Fina, 2020. p. 101-124.

Sobre Max Lucado. *Max Lucado*, c2020. Disponível em: <https://www.maxlucado.com.br/sobre-max-lucado>. Acesso em: 15 maio 2021.

Tocqueville, A. C. H. M. C. *Democracia na América*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

Wilentz, S. *The age of Reagan: a history, 1974-2008*. New York: Harper Collins, 2008.

Como citar este artigo/How to cite this article

Souza, S. L. Uma reflexão sobre a direita evangélica e o atentado de 11 de setembro de 2001. *Reflexão*, v. 46, e215352, 2021. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v46e2021a5352>